

Padrão (*template*) para submissão de trabalhos ao XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação:

Rádio e Internet: o Encontro de Duas Grandes Invenções¹

Mágda Cunha²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

A permanência do rádio diante de cada nova tecnologia de comunicação é assunto amplamente debatido. No momento atual, o rádio na internet é alvo de controvérsias, trazendo discussões inclusive sobre o conceito de rádio. Neste texto, o objetivo é refletir sobre as características do rádio e da internet, trabalhando com a hipótese de que o diálogo das duas tecnologias traz vantagens qualitativas para a audiência, mantendo ou adaptando as características de cada um deles, de acordo com as apropriações e modificações estabelecidas pela própria sociedade.

Palavras-chave

rádio; internet; tempo; tecnologia

Corpo do trabalho

Os apaixonados pelo rádio, sejam pesquisadores ou ouvintes, defendem há muito a idéia de que o meio não vai morrer. Foram tantos os debates e comprovações que este se tornou realmente um assunto ultrapassado. O rádio não morreu diante de novas tecnologias como a televisão ou a internet, mas passou por diferentes adaptações tanto como suporte tecnológico, quanto em seu conteúdo. Dialogando com os diferentes momentos históricos, o rádio esteve na sala de casa, depois ficou menor, acompanhando a audiência onde quer ela esteja, atua na área do entretenimento, entra no jornalismo e busca a segmentação de programação, atentando às diferentes preferências.

Uma destas adaptações do rádio está relacionada ao atual momento de expansão e desenvolvimento da internet. Inicialmente, parecia mais uma ameaça. Novamente, o rádio procurou a alternativa possível e ingressou também na rede. Porém, é

¹ Trabalho apresentado ao NP-06, Rádio e Mídias Sonoras, Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Doutora em Letras / PUCRS, professora de Radiojornalismo e coordenadora do Curso de Jornalismo/ Famecos/PUCRS, mrcunha@puers.br

necessário refletir sobre as circunstâncias desta convivência, que certamente assume contornos diferentes dos momentos anteriores.

O encontro do rádio com a internet pode ser a reunião de duas grandes invenções da comunicação, mas também pode gerar grande controvérsia. Sucesso, de uma parte, porque o rádio na internet pode estar presente em tecnologias como a telefonia celular ou palm tops, através de tecnologias WI-FI e GPRS³. e possibilitar uma programação em escala planetária. Logo, saindo do computador e assumindo suportes menores, evidencia aquela que foi uma das grandes vantagens do rádio: a miniaturização. A controvérsia começa a ocorrer quando surgem os questionamentos. Rádio na internet é realmente rádio? A reflexão sobre as vantagens deste encontro e a controvérsia do conceito de rádio merecem um exame das principais características dos dois meios. Neste texto, são consideradas as possibilidades tecnológicas de ambos, conseqüente característica da linguagem e a sua existência no atual contexto histórico.

Radiofonia

Meditich (2001:229) é um dos autores que tem manifestado preocupação em estabelecer um conceito. Baseado na obra de Arnheim, aborda a especificidade do rádio a partir de três características que considera indissociáveis. Trata-se de um meio de comunicação sonoro, invisível e que emite em tempo real. “Se não for feito de som, não é rádio, se tiver imagem junto, não é mais rádio, se não emitir em tempo real(o tempo da vida real do ouvinte e da sociedade em que está inserido) é fonografia, também não é rádio.”

Assim definido, o rádio, de acordo com Meditsch (2001:229), vai continuar existindo na era da internet e até depois dela. Será aperfeiçoado pelas tecnologias atuais e futuras, “sem deixar de ser o que é”. Segundo ele, a necessidade do serviço de informações

³ WI-FI, wireless fidelity, tecnologia que permite acesso em banda larga em redes locais, utilizando laptops ou palmtops. GPRS, General Pack Radio Service, tecnologia de transmissão de dados sem fio, para acesso à internet, presente junto a redes de celular GSM.

em tempo real, recebido em qualquer lugar, sem que as pessoas precisem paralisar suas atividades, não será superada tão cedo.

McLuhan (1964:335) também se preocupa com esta caracterização voltada à radiofonia. “Quando ouço rádio, parece que vivo dentro dele. Eu me abandono mais facilmente ao ouvir rádio do que ao ler um livro.” A declaração de uma pessoa consultada, por ocasião de pesquisa de opinião sobre o rádio e reproduzida pelo autor, demonstra a possibilidade de envolvimento do meio. Como ele mesmo aponta, o poder que tem o rádio de envolver as pessoas em profundidade se manifesta no uso que os adolescentes fazem do aparelho durante seus trabalhos de casa, bem como as pessoas que levam consigo seus transistores, que lhes propiciam um mundo particular próprio em meio às multidões.

O rádio, segundo McLuhan (1964:337), afeta as pessoas como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio, uma experiência particular.

As profundidades subliminares do rádio estão carregadas daqueles ecos ressoantes das trombetas tribais e dos tambores antigos. Isto é inerente à própria natureza deste meio, com seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única câmara de eco.

O autor cita o pensamento de Platão, para quem o tamanho certo de uma cidade era indicado pelo número de pessoas ao alcance da voz de um orador. Segundo ele, até o livro impresso, para não falar do rádio, torna irrelevantes, para efeitos práticos, as pressuposições políticas de Platão. Mas o rádio, dada a sua facilidade de relações íntimas e descentralizadoras, tanto ao nível pessoal como ao de pequenas comunidades, poderia facilmente realizar o sonho político de Platão numa escala mundial.

Além da radiofonia, a evolução tecnológica do rádio, associada aos diferentes contextos, deve ser considerada. O que viria a ser o rádio, no início do século XX, é apenas uma experiência de transmissão de sinais a distância. Trata-se muito mais de uma resposta da tecnologia e dos estudos científicos da época do que o meio em si. O mundo passa por significativas mudanças, em grande velocidade, especialmente sob o aspecto tecnológico. É o período da revolução Científico-Tecnológica. As pessoas migram para diferentes países, deixam o campo e passam a residir nas cidades. A necessidade é por uma tecnologia capaz de proporcionar-lhes comunicação.

Esta resposta de transmissão a distância evidencia também o primeiro conflito mundial, do qual resultou como fracasso, a dificuldade de comunicação. Invenções básicas e necessidade de uso chegam ao momento em que a sociedade encontra uma utilização para

o rádio, que se transforma em meio de massa. Este pode ser considerado um período com grandes repercussões. O rádio responde como meio de massa a uma busca da sociedade, ansiosa por informação, entretenimento e também uma ambição dos governos em chegar às populações com maior facilidade.

As propostas dos autores da época, a exemplo de Brecht(1984), demonstram os efeitos que o rádio é capaz de suscitar. Causa fascínio também pela possibilidade de transmissão da música e da voz humana. Não é mais uma voz que vem de dentro, da consciência, no pensamento da filosofia, conforme registram alguns autores, mas uma voz que vem de fora e acompanha o ouvinte por todas as partes.

O período posterior é marcado por uma força dos jovens e por movimentos políticos. Neste momento em que enfrenta a expansão da televisão, o rádio responde com as rádios livres. Elas são elementos fundamentais nas lutas políticas da esquerda, em diferentes países, especialmente da Europa, e também surtem grande efeito utilizadas por estudantes.

Tecnologicamente, o transistor é um dos mais significativos inventos para o rádio. Criado em 1947, passa a ser realmente utilizado após os anos 50. Torna o meio radiofônico complementar à televisão e responde à pergunta de um período em que a individualidade das pessoas está acentuada. Os indivíduos são considerados consumidores em potencial das novidades tecnológicas fabricadas em larga escala. O período registra ainda a miniaturização em diferentes áreas e o interesse é pela portabilidade, que amplia o alcance e o mercado.

Ao final do século XX e início do século XXI, o rádio é considerado o meio que mais sofre modificações em sua história, tem uma origem complexa, mas é capaz de co-existir em diferentes formas. Seu suporte básico permanece sendo o áudio. Porém, agrega imagens para estar presente na Internet e a tecnologia digital propicia grande abrangência de suas mensagens. É responsável por informação diversificada e pela criação de diferentes gêneros de programação, inclusive os que migraram para a televisão nos anos 50.

Por existir na internet, propicia que os ouvintes criem sua própria emissora na *web*. Proporciona que emissoras analógicas também existam neste espaço ou apenas apareçam em páginas informativas. Tecnicamente, este é o diálogo que, no momento, o rádio trava com a internet. O objetivo, porém, não é a reflexão somente a partir das características do rádio, mas também considerar as marcas da internet e o conceito de rede, seu diferencial mais importante.

A internet e a rede

A possibilidade de existência em rede, em escala mundial, pode ser considerada uma das principais características da internet. Lévy (2001:16) afirma que “somos a primeira geração de pessoas que existe numa escala global.” Quando fala sobre a interconexão global, Lévy entende que não se deve ver a história do ponto de vista de uma nação, uma região do mundo ou uma religião. Desde seus primórdios até há pouco tempo, a história humana é a aventura da espécie sobre o planeta. É nessa perspectiva que o início dos “Tempos Modernos”, datado do final do século XV, marca o importante início da reconexão global da espécie humana com ela mesma.

De acordo com o pensamento de Castells (2003:13) uma aventura humana extraordinária é a história da criação e do desenvolvimento da internet. Ela põe em relevo, segundo ele, a capacidade que têm as pessoas de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo. “Reforça também a idéia de que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias à inovação do que a competição e os direitos de propriedade.”

A história do desenvolvimento da internet, já amplamente registrada, passa de um ambiente restrito a uma larga escala, assim como o uso do rádio no século XX. Sua origem está na Arpanet, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency, em 1969. O principal objetivo era estimular a pesquisa em computação interativa. A montagem da Arpanet foi justificada como uma forma de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência, compartilhar on-line tempo de computação. Em 1975, a Arpanet foi transferida para a Defense Communication Agency, que decidiu criar uma conexão entre várias redes sob seu

controle, a fim de tornar a comunicação por computador disponível para os diferentes ramos das forças armadas.

Em 1990, a Arpanet foi retirada de operação e o governo dos Estados Unidos confiou a administração da internet, já fora de seu ambiente militar, à National Science Foundation. Nesta mesma década, a maioria dos computadores dos Estados Unidos tinha capacidade de entrar na rede, o que segundo Castells (2003), lançou os alicerces para a difusão da interconexão de redes. Em 1995, a NSFNET foi extinta, abrindo caminho para a operação privada da internet. O registro aqui sistematizado evidencia uma tecnologia inicialmente com interesses científicos, posteriormente militares, até chegar ao uso do grande público. Neste sentido, são encontradas semelhanças na trajetória do rádio e da internet, embora com diferenças significativas no que diz respeito ao tempo de expansão e alcance da sociedade.

Castells (2003:7) afirma que a internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. Uma rede, segundo ele, é um conjunto de nós interconectados, sendo a formação de redes uma prática humana muito antiga. Porém, “as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela internet.” Conforme o autor, a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global.

O uso da internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. O número de usuários saltou de 16 milhões em 1995, primeiro ano de uso disseminado da world wide web, para 400 milhões no início de 2001. A influência das redes baseadas na internet, segundo Castells (2003), vai além do número de seus usuários, dizendo respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais em todo o planeta estão sendo estruturadas por ela e em torno dela.

O ponto de partida da análise de Castells(2003:10) é que as pessoas, as instituições, as companhias e a sociedade em geral, transformam qualquer tecnologia,

apropriando-a, modificando-a e experimentando-a. A comunicação consciente (linguagem humana), segundo ele, é o que faz a especificidade biológica da espécie humana.

Como nossa prática é baseada na comunicação, e a internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la de muitas maneiras, nós transformamos a própria internet. Um novo padrão sociotécnico emerge dessa interação.

A apropriação da sociedade em relação à tecnologia é que vai determinar a sua expansão e seu desenvolvimento. Estes meios, rádio e internet, respondem historicamente, por intermédio de suas trajetórias, às demandas questionadas pelos indivíduos. O encontro do rádio com a internet certamente também resulta e resultará da apropriação, experimentação e modificação que a humanidade realiza.

O encontro rádio e internet

O objetivo aqui é, considerando as principais características do rádio e da internet, no que diz respeito à suporte tecnológico, linguagem e possibilidades junto à audiência, refletir em torno do diálogo dos dois meios, dentro do atual contexto histórico. Um dos primeiros debates gira em torno do conceito de rádio. Emissão de som em tempo real é uma das principais características. Considera-se então as adaptações que o rádio sofre para dialogar com a história e especialmente com a audiência. Isto já faz dele um outro rádio, que permanece em áudio, mas agrega outras marcas, estabelecendo novos sentidos.

O rádio na internet pode servir-se da rede, colocando qualquer programação em escala global. Já é ultrapassado afirmar que a miniaturização é a grande vantagem do rádio e falar sobre as dificuldades de audição radiofônica em computadores de mesa. Emissoras na internet já estão em telefones celulares e palm tops. É o encontro da rede com a miniaturização tecnológica, fazendo o diálogo entre as duas mais importantes características dos dois meios.

Um dos principais impactos diz respeito ao tempo que, oferecido pela internet, proporciona informação *on demand*, adaptando-se ao horário da audiência. O rádio

inaugura o jornalismo ao vivo e, com isso, tem vantagem em poder de transmissão de um fato, com instantaneidade e agilidade. Esta é uma variável que continuará interessando ao público, como afirma Meditsch(2001). Ganha a audiência que pode acompanhar o acontecimento diretamente. Perde, porém, aquele ouvinte que não quer ou não pode ouvir determinada notícia naquele momento.

A possibilidade de “congelar” o tempo veio com a internet e agora através de aparelhos como o RadioShark⁴ que, entre outras possibilidades, permite dizer qual o horário é o nobre para cada um, como aponta Negroponte (1995). Soma-se a isso a possibilidade de ouvir emissoras da internet em um celular ou computador de mão sem fio. O item mobilidade, inaugurado pelo próprio rádio, está presente neste momento da revolução digital. O tempo e espaço deixam de ser barreira, pois é possível ouvir uma emissora de qualquer lugar do planeta, no momento em que mais interessar. Um dos impactos mais claros disto é a personalização da informação, o que torna o conceito de mídia massiva cada vez mais distante.

Demonstrando a complexidade do tema, Elias (1998) relembra as várias formas como o tempo foi considerado. Até a época de Galileu, o tempo servia aos homens, essencialmente como meio de orientação no universo social e como modo de regulação de sua coexistência. No centro da polêmica sobre a natureza do tempo havia, e talvez ainda haja, duas posições opostas. Para alguns, o tempo constitui um dado objetivo do mundo criado, e que não se distingue, por seu modo de ser, dos demais objetos da natureza, exceto por não ser perceptível. Outros entendem que o tempo é uma maneira de captar em conjunto os acontecimentos que se assentam numa particularidade da consciência humana ou, conforme o caso, da razão ou do espírito humanos e que, como tal, precede qualquer experiência humana.

Elias (1998:11) afirma que todo o indivíduo, por maior que seja sua contribuição criadora, constrói a partir de um patrimônio de saber já adquirido, o qual ele contribui para aumentar, o que não é diferente no que diz respeito ao conhecimento do tempo. O conceito de tempo não remete nem ao “decalque” conceitual de um fluxo

⁴ www.griffintechology.com/products/radioshark/

objetivamente existente nem a uma forma de experiência comum à totalidade dos homens e anterior a qualquer contato com o mundo. “O tempo não se deixa guardar comodamente numa dessas gavetas conceituais, onde ainda hoje se classificam, com toda a naturalidade, objetos desse tipo.” O autor ressalta que a operação de determinação e datação do tempo não se deixa conceber a partir de uma representação que divida o mundo em sujeito e objeto.

Ela repousa, simultaneamente, em processos físicos não importando que sejam moldados pelos homens ou independentes deles e em observações capazes de abarcar, de reunir numa síntese conceitual aquilo que se apresenta numa sucessão, e não como um conjunto. Não são o homem e a natureza, no sentido de dois dados separados, que constituem a representação cardinal exigida para compreendermos o tempo, mas sim os homens no âmago da natureza.(Elias, 1998:12)

Se o pensamento complexo sobre o tempo exige relacioná-lo diretamente à existência humana e vice-versa, é importante reconhecer que a tecnologia digital proporciona uma informação onde o tempo não é linear. Considera a humanidade dentro do tempo coletivo e individual, mas foi construída por esta própria humanidade, ampliando os conhecimentos já adquiridos e adaptando a tecnologia a seu favor.

O tempo de recepção não é mais o estabelecido pelos tradicionais produtores da informação, mas é construído pela audiência individualmente, de maneira personalizada. Esta construção gera tempos diferentes, mas relacionados, produzindo novos sentidos a um formato ao qual todos já estavam acostumados. No ágil rádio já conhecido, saber o resultado de uma partida de futebol ou ouvir uma notícia urgente passa pela audição de outras informações que interessem bem menos naquele momento. Um lapso de tempo de 5 minutos, representa a perda de metade de um espaço de síntese noticiosa. Hoje, as mesmas emissoras já se preocupam em manter as sínteses em seus sites para acesso posterior.

Souza (2001:20) entende que as tecnologias hoje entram dentro de um círculo de vida em que passam a existir muito menos para o amanhã e muito mais para o hoje.

Da velocidade. Dos serviços. Da internet. O princípio da pós-modernidade é exatamente a mudança do tempo: ao invés do tempo linear, eu entro no tempo individual. Ao invés de usar as tecnologias para reforçar as condições de domínio do hoje para o amanhã, eu busco as tecnologias como condição do prazer hoje.

O autor ressalta, porém, que a distinção entre tempo linear e tempo individual não pode ser afirmada como um paradigma definitivo, de uma forma causal. “Vive-se uma nova ambiência. Uma nova forma de o homem se apropriar do tempo e do espaço, redescobrir a velocidade como condicionamento do ser. Isso é novo, isso é que está em transição.” (Souza, 2001:34)

Muda a relação da audiência com o tempo. O rádio na web estabelece um tempo diferente. Programas ouvidos em uma cidade no horário do almoço, podem estar presentes junto a outro público no horário noturno em outro país. O mais importante é a possibilidade de personalizar este horário, sem prejuízo da informação local que, confirmando o pensamento de Souza, está baseada no momento presente.

Outros fatores resultam dessa relação com o tempo. Cunha (2003) considera que, com as mudanças influenciadas pelo processo de digitalização, modificam alguns papéis, como o do jornalismo. Os acontecimentos em primeira mão podem não ser mais privilégio de um profissional, uma vez que em cada ponto do mundo há narradores-receptores, conectados em rede e munidos de tecnologia adequada, podendo estar bem mais próximos do acontecimento. Ao jornalista cabe agora o aprofundamento do fato, a análise. Fatos narrados em primeira mão podem ter sua origem em qualquer indivíduo com uma pequena câmera ou um telefone celular e que esteja presenciando o fato. Embora o acesso às tecnologias seja sempre um assunto em pauta, é preciso reconhecer a velocidade com que vão sendo introduzidas e popularizadas junto à sociedade.

Castells (2003:162) aponta que a audição de rádio está “florescendo na internet”, tanto a partir de estações de transmissão aberta quanto de transmissões radiofônicas feitas pela internet. A relação de rádios feita pelo MIT nos Estados Unidos

aponta a existência de mais de 10.000 estações transmitindo na internet. Conforme o autor, dois fatores parecem influenciar esse desenvolvimento.

De um lado, é difícil satisfazer o interesse por eventos locais numa escala global, fora do alcance das redes locais de informação. Se você quer saber o que aconteceu em sua cidade, estando do outro lado do mundo, só a internet é capaz de fornecer essa informação, seja na forma de texto (jornais locais), seja na forma de áudio (estações de rádio locais).

Assim, segundo ele, funda-se na internet, rede global de comunicação local, a liberdade de contornar a cultura global, para atingir a identidade local. Outro aspecto destacado por Castells (2003) diz respeito ao sucesso comercial do rádio que levou seu controle a grandes conglomerados de mídia em todos os países, num efeito direto da desregulação que conduziu, como em muitas áreas da economia, a uma concentração crescente. Embora seja localmente orientado, cada vez mais seu conteúdo é homogeneizado. Por isso, segundo o autor, estações de rádio alternativas, centradas na transmissão de programas do interesse de grupos específicos, encontram na internet uma maneira fácil de transmitir além do limite do espectro licenciado.

Lévy (2001:41) acredita que a melhoria qualitativa da comunicação e da interconexão entre os seres humanos é que deve crescer sempre. “Uma tecelagem cada vez mais fina da consciência coletiva. As metamorfoses do espaço e do tempo – o retraimento e a aceleração que observamos por toda a parte – são metamorfoses da consciência.”

Seguindo tais linhas de pensamento, o que se observa no encontro ou diálogo do rádio com a internet é o aproveitamento de suas melhores características, em favor de uma comunicação de qualidade. O rádio permanece como áudio, em tempo real, mas oferece informação *on demand*, podendo estar presente no mesmo telefone celular que hoje se populariza. Se Platão entendia que o tamanho da cidade deveria ser limitado ao alcance da voz do orador, esta cidade perdeu os limites e pela comunicação ganhou escala mundial. Ou, ao contrário, o que a humanidade sempre buscou foram meios de romper com estes limites encontrando tecnologias que lhe permitissem

comunicação em âmbito mundial. Neste caso, o rádio na internet, portátil, é uma das grandes invenções da comunicação.

Referências bibliográficas

BRECHT, Bertolt. Teoria de la radio. In: _____. El compromiso en literatura y arte. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1984.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CUNHA, Mágda. Um novo jornalista para narrar o mundo. Trabalho apresentado no I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos - II Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos: Porto/Portugal, 2003.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÉVY, Pierre. A conexão Planetária. São Paulo: Ed. 34, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempo de internet. In DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sonia Virginia (Orgs.). Desafios do rádio no século XXI. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

NEGROPONTE, Nicholas. Vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Mauro Wilton. Novas linguagens. São Paulo: Editora Salesiana, 2001. – (Coleção Viva Voz)